

CLAREIRA

contém:

	Pag:
<i>Oi! despe o casaco</i>	
I. <i>Ouvi teu apelo</i>	1 2 3
II. <i>Rústicos eram os móveis</i>	1 2 3
III. <i>Pego um livro</i>	1 2 3
IV. <i>Hasteio a flâmula</i>	
V. <i>Gervão, assa-peixe</i>	1 2 3
VI. <i>Folhas, folhas pelo ar</i>	1 2 4
VII. <i>Sopros, sussurros</i>	1 2 3

EDIÇÕES ZAGORÁ - 1986

Orelhas do livro

CLAREIRA

foi escrito entre 1977/86

lido por

Hugo Tavares, Celio Moreira Placer

e Mozart Coube Rodrigues

Composição: Ailton Barros

Diagramação: Edvar Palma

Arte Final: Ronaldo Cunha

Impressão e acabamento:

Reprograf Artes Gráficas Ltda

Tel: 722-1502

Terminou a impressão em

julho de 1986

Eternity is in love with the productions of time
Des ouvrages du temps l'Éternité reste amoureuse
A Eternidade vive apaixonada pelas obras do tempo
BLAKE: Proverbs

O! despe o casaco e vem

sem viseira:

você ouvirá dizer da ave, da carreira
do vento, das estações. Da luz –
companheira na ação, da flor,
do fruto na árvore, da água em suas
várias maneiras.

Do sapo e da poeira dos astros,
do nascer e morrer, do hospedeiro
e do hóspede, do ócio,
dos ofícios das gentes, delas mesmas.
Do dia e da noite, da dor e da inteira
alegria, estima e fervor,
de quanto bem rima com CLAREIRA:
presença ou lembrança.

Do seu tempo real, criando mundo. Você
ouvirá dizer, novamente, da terra
e dos deuses.

I

OUVI teu apelo.

Eu ouvi o teu apelo. Manhã! Manhã!
Ao mar o lastro! Muitas palavras há, mas é preciso
ter atravessado dias e fronteiras.
Ter conhecido muitas noites.
E descoberto.
Ouvi o teu apelo, ó Terra. – Aqui estou.

GALGUEI a encosta.

Cansa subir? Na cota mais alta espera o horizonte.
Desta altura, de ver são todas as colorações do
verde -
verde-esmeralda verde-mar verde-bronze
verde-musgo verde-limão verdoengo verdete verde-
verde.
E que a-propósito, no entorno, as manchas roxas
da quaresmeira!

POR AQUI o céu alto é rota de voo. Certas horas,
em horários certos, o fragor das turbinas desaba.
Logo a grande nave afunda nas nuvens, tem pressa, vai
para longe.
Partir... Disperso universo, largo mundo!
Feliz, mais feliz aquele a quem o tédio não corrói,
não quer chegar a parte alguma
e funda raízes.

NA CASA do silêncio todas as coisas têm consistência,
são elas próprias; os eventos duram.
Madrugada - passa na estrada a picafe de Rondinella.
Ladra a matilha rafeira contra o rolar das rodas,
latidos aderem de todos os pontos
e a cachorrada se engalfinha.
O ruído ocasional – máquina ou bicho – sublinha,
não chega a romper o silêncio igual.

De-novo a calmaria, a soledade, deste lado da serra,
morada do Simples.

P ASSIONAL, aqui o ritmo é outro.

Arrastadas são as frases, o vernáculo nem sempre vai até o fonema final; as vibrantes, por exemplo, liquefazem-se.

Ah! mas umas sentenças ouvem-se - que sentenças! dobrões de ouro-velho, sem que o saibam as bocas que as estão dizendo.

E todos (entenderás isto?) se conhecem pelo nome.

II

RÚSTICOS eram os móveis, só os necessários:

a mesa, a cama, o berço,
o CRUCIFIXO.

O lampião de querosene enegreceu o teto.

Tudo foi feito pelas mãos dos donos: a casa, o poço,
o forno para assar o pão, o paiol, o estábulo, a colmeia.

Sob a paineira dura o banco tosco onde com os filhos
sentavam ao anoitecer.

Homem & mulher cumpriram os seus dias – na alegria
do trabalho os cumpriram e silenciam
às vezes lembrados, num canteiro de terra-mãe.

HONRA àqueles

que em sua hora subiram a montanha
e viram que boa era a terra

que preservaram as nascentes e em humildade
com o jumento e o boi, o arado e a semente, construíram
que sabiam curar o animal ferido e aparar a
criança nascida

que beijavam no rosto o que chegava
que plantaram os eucaliptos cujas folhas a gente
arranca ao passar para aromar as mãos
àqueles que se ausentam agora na Colina.

ENQUANTO fora o calor inaugura o dia, as sobras

da noite demoram-se sob a ramaria.

Choveu a noite toda e ainda chuveira.

Quem entende do assunto chuva são os pombos:

graves, juntam os pezinhos vermelhos

– pombos e pombas ombro a ombro – deixando que
colares escorram de gotas lentas lentas pelas
penas...

e aguardam

expectantes para a revoada.

MOLHADO

apanho um ninho caído no capim.

(Achas de lenha queimando em qualquer parte...)

Entre o Y do graveto - aquela macieza redonda,
zelosa, de finos pauzinhos e plumas.

NINHO – linho berço, colo, seio...

(Enquanto o admiro – pluft! – cai uma manga de-vez)

– **F**ELIZ a flor, na manhã-primaveira por se

adivinhar fruto; o fruto, este no meiodia-verão
por conter a semente; a semente, na tarde-outono
por se entrever já árvore; árvore, ah! a árvore,
na noite-inverno a se sonhar a mãe da flor...

(Esta a lição do vegetal em sua calada dialética)

AO POMBO arrulhador – milho na concha da mão;

à doméstica rolinha – migalhas no peitoril;
ao tico-tico – punhado de fubá;
ao pardal e à parentela dele – triguilho

no prato de barro;

à cambaxirra, a confiante garrincha – a janela
aberta pra ninhar atrás da estante;

ao sabiá e ao bem-te-vi... ora estes ávidos
saqueiam sem convite o laranjal;

à andorinha, a mensageira de alvo peito – o
desvão cordial do meu telhado.

III

P EGO um livro.

Perdão! foi gesto de mente habituada.
Há um livro maior para ser lido.
Depois, o grande ar puro! Luz. Aberto.
Longe do tumulto, mais perto do chão.— Aqui estou.
Posso sim dizer: EU
(o que afinal é inecessário)

CAMINHO dos ourives! O Caminho dos Ourives.

Mãos grossas mourejaram. Figuro: máscaras crestadas.
OURO! OURO! OURO! OURO! OURO!
Se o acharam, o que resta agora é o quartzo leitoso,
o feldspato, a mica desentranhados por escavadeiras
mecânicas...
Clareza! Vibra a quentura do ar.
... e aqui me vou, brandindo
na rambla este canço, um homem muito antigo minerando
outro ouro, o da tarde, mais o tesouro das palavras, timbres
e durações, dourada herança...

TAL LÁ pra trás ficasse um incêndio

pela estrada galopa o garanhão.
Lança-se pra frente encurtando o espaço
com seu branco perfil retilíneo.
Os cascos tocam o solo
e tocam
só o tanto pra gerar novo impacto.
Levita! o garanhão branco levita!
Ao sumir, dura ainda no compasso das patas, dura
o tempo de se ir dissipando nos olhos
um guerreiro vigor de formas – brancas

FOGO, fogo pelas ribanceiras – Ninguém o ateou.

O capim colônia estrala.
O fogo tem fome, ardem as altas labaredas até o limite
do desmatado.
Lastreará pelo milharal, que já granou?
A gente assiste cá de baixo – nada se pode. O fogo tem
goela de jibóia.
Depois uma coroa de cinza negrejará (ilhada) naquele
verde insultado.

PRAZER de olhar e ver –

o estremecimento elétrico na anca do cavalo;
essa energia centrada em passarinho a saltar
verticalmente – tiziu! tiziu!;
a verdura no canavial com a estrumeira fumegando;
onde cachoeirava e as lontras, vulgo cachorro-d'água
vinham, não vêm mais, se banhar;
o leve beija-flor, dardo emplumado;
tesouras, tesouras– e o pontilhado delas lá na ogiva
anil do céu...

LOUVOR ao licor no cálice!

Louvor ao vinho no copo!
Louvor à caninha da terra;
dois dedos na caneca de plástico
ou no caneco de louça a bem-medida golada.
Louvor dos louvores à água
a água bebida à concha da mão
em cuia ou cabaça
água de moringa de barro na sombra
ao término da ensolarada caminhada...

IV

HASTEIO a flâmula – um hóspede me bate à porta. É um amigo. Enquanto o amigo estiver, a flâmula branca desfraldará. Nossos rostos se encontrarão no abraço. Do companheiro ouvirei seus novos saberes, a última descoberta de pensamento ou beleza; saberei da ação desinteressada que praticou. Então ele se calará para escutar. Quando partir esta tarde, amanhã ou qualquer dia, irei sozinho, por dentro um pouco triste, baixar a flâmula branca. (Quedará, na distância, o recurso das cartas, cartas de ler e guardar)

"...E ÀS VEZES, lá, a Cidade dos espigões, do técnico e do trabalhador, para além destas vertentes, de invisíveis me parece irreal." Considerarei, amigo, o que escreveste
De viva voz conversaremos. Mas atenta: é aqui também que o homem joga a vida por uma ideia. Aquele que pensa, sofre da *má consciência*. É aqui que a luta prepara o tempo novo. Adeus. Cumprimenta os teus. E espera-me.

V

GERVÃO assa-peixe abre-campo bunda-de-mucama

picão língua-de-sapo erva-preá melão-de-são-caetano alfavaca
caruru tiririca bredo beldroega vassourinha-do-reino azedinha
serralha mastruço ou erva-de-santa-maria, cidreira. - nomeia,
apontando, preto Soriano.

E me segreda usanças e virtudes.

SÃO enxutos, cor-de-oliva, taciturnos.

Moldam o cobre em caldeirões que é um gosto ver -
faiscantes - dispostos como quantidades matemáticas em ordem
de grandeza;

de-noite os ciganos tangem bandurras.

Bela manhã o baldio recupera o espaço inteiro; foi-se o
clã de zíngaros na aurora, e esquece.

EIS QUE a ronda do gavião desafiava o caseiro da
Granja Coração-da-Pedra.

–Questão de dia, inda hei-de trumbicar esse desgraçado!
repetia.

Ofensa pessoal - não lhe acertava um tiro.

Hoje, ah, hoje o imprevisto temporal na tarde quente
lavou a alma de caboclo Venâncio.

Grande e belo (eu vi) no círculo de tantos pés, era o
predador morto pelo raio.

AMANHECEU beira-estrada a gaivota. Morta? – Vivia.

O que a recolheu reparou a luxação na asa direita. Na
patinha, um aninho de metal. Procedência: Terra do Fogo.
Jaz.

Audaz malferida em todo seu bem -

 não beberá a gota de mel da tarde

 não se deliciará na pujança do voo

nem do bote, divisando o horizonte, dirá o pescador moço
para os companheiros:

– Olha! lá vai uma gaivota real!

APARENTEMENTE nada acontece. De-repente um pouco
de terra
 esboroa
e compõe-se de-pronto.

 Aparentemente nada acontece. De-repente uma nuvem
viajeira passa,
 claraescurece um momento.

 Aparentemente nada acontece. De-repente o eco ressoa do
sino da padroeira lá da Colina.

 Uma a uma arredondam-se as arestas.

NASCEU um potro no sítio Muribeca. Acontecimento!

Foi pela madrugada. Agora é a correria de crianças e
adultos, muita criança. A criatura, pernas bambas e úmidas,
recém-vinda a este mundo, já se põe de-pé, orelhas
em ponta. Ninguém se cansa de olhar, e todos (vê-se), gostariam
de ser donos do potrinho alazão.

 A égua-mãe sacode a crina, escarva o chão, e compreende

VI

FOLHAS, folhas pelo ar.

Caem,
trêmulo ziguezague de graciosa geometria,
caem as folhas.

A hora é cálida - a delícia de
enquanto sem relógio flui a hora,
calar e aguçar o ouvido pro estalo plaque! plaque! plaque!
das vagens secas do sombreiro...

HOMEM estirado à aragem, sob copas, mãos ociosas
cruzadas à nuca, uma festa de gráficos caprichos acolho nos
olhos.

O entrelaçamento dos galhos - riscos de nanquim - começa,
cruzam-se, labirintam para o desconhecido. A folhada
nova ornamenta a trama iluminada. E a erva parasita,
trazida pelo pássaro, porfia por calafetar cada rasgão no
verde. Furos de luz - e, num ponto, o olho brilhante do Sol!

O diagrama se repete em negativo, sobre mim, centro de toda
esta ordem-desordem.

PÁSSAROS fogem –

Já o frade gorducho abria o turvo guarda-chuva.

Bate violentíssima uma porta; distante, o clamor de cães
excitados, vozes! vozes!

No centro do caos - um grito.

O farelo grosso da trovoada despeja.

Quando coriscam os relâmpagos

os esparsos telhados do Vale são formas
de um quadro rompido onde se igualam homens e bichos.

QUE DIZER do caracol nas imediações da tina-d'água?

Apressa-se sem pressa, vencendo no enduro milímetros com reta determinação.

Sólido e solene – assim se desloca o caracol ao Sol.

Ei, pequenino bicho da terra, caminhas para uma catedral,
para um *te deum*?

É um dignatário sem acólito portando a mitra de dois
bicos; também se podia pensá-lo um orgulhoso rei mongol;
é ele só e a sua geométrica máquina de morar.

V_{ER}

e sentir a chuva!

Dilatar as narinas pro cheiro da terra a se molhar...

O tolo-inocente, ninguém o segura, corre pro meio dela
no terreiro.

Nu – grita, grita, os cabelos escorrendo nos olhos,
na cara, a água escorrendo pelo corpo.

Quando estoura o trovão, fraterno dos elementos, berra
e gargalha.

Assim que o aguaceiro acabar azulará de horizonte a
horizonte; e no ar lavado,

o ARCO-ÍRIS.

V

ISIVELMENTE a umidade se alastra na base do barranco.

Experiência do velho Raimundo:

– Já vi, É um olho d'água.

E palpa a terra arroxeadada com as costas da mão, a leve
pressão do conhecedor. Certo, põe-se a retirar o barro
molhado sem ferir as avencas silvestres, dizendo que carece
raspar devagarinho, à feição de bacia, senão a mina míngua
e some.

Eu penso: fria será a água da fonte amanhã, e azul.

É PELO vento sudoeste que ele investe.

Arremete com suas naves
e pelas gargantas vem o odor a sal da invisível,
costeira presença.

É pelo vento sudoeste que ele investe até aqui.

Pára-se um momento, tal ao anúncio de faustosa chegada,
talvez um monarca reinante.

É o MAR! o MAR! MAR!

VII

SOPROS, sussurros, fonemas indistintos, longe, longe!

Num momento, da mata

zoeira de milhares de torcedores,
na praça de esportes, quando as arquibancadas regurgitam:
CIGARRAS, CIGARRAS, CIGARRAS, CIGARRAS!

PASSAM asas

vestindo o espaço,

Outra após uma, passam asas sem descontinuar.

E o tempo, como se o tempo existisse, parece feito
de segmentos.

Passa a derradeira, o aro se solda.

Hora dos cupins à volta da lâmpada, dos morcegos
repentinos, hora vespéral do ventinho e do mosquito-pólvora,
vez dos eucaliptos ativíssimos.

E sob o odor da folha e flor de eucalipto – linha melódica
menor – o impregnante cheiro do pau-d'alho...

A IMBAÚBA !

(Ou umbaúba: árvore furada e torta, toca de formiga)

Seja!

Nem por isso menos altaneira, rendilhada e escultural,
braços em candelabro.

E o prateado delas, principalmente na lua-cheia!

Homem de poemas se lembraria de tomá-las para *ex-libris*.
(já não está de moda)

OS RASOS do alagadiço são pertença das taboas com suas

velas marrom e pelos que parecem paina.

Já a ferrugem à tona d'água estagnada é minifúndio de
maruins, visitado pelas lavadeiras instante a instante.

Quando risca a bala azul-metal do martim-pescador, a nação
miúda deles abre alas.

De-noite o charco é do Sr. Sapo.

A STROS !

Aglomerados de astros - e o buraco negro
das nebulosas.

... uma estrela cadente (apagou-se).

As estrelas! filhas do quarto dia, companheiras antigas,
guardiães do tempo - da volúpia, do sono e do esquecimento.

Também elas, as luminosas

– longínquas e próximas -

nascem e morrem

são jovens e velhas

AS BELAS ESTRELAS.

...E A NOITE sigilosa funde espelho contra espelho. Faz

escuro, porém é tudo mais claro. A noite afina para pensares
outros.

Que diz a noite?

Indelicadamente o bárbaro quer durar para sempre.

Mas o liberto -

o que rompeu a pele dos vocábulos

o que tornou pelo avesso o estofo dos gestos, e viu
este, aos excitamentos do mistério
no círculo da CLAREIRA,

cessa de existir para ser.

ORELHAS

XAVIER PLACER, junto com a ficção e o ensaio, sempre se dedicou à prosa poética e à poesia.

Comparece agora com este quinto livro de poemas em prosa - **CLAREIRA** - que escreveu sem pressa. São trinta e oito unidades organizadas em sete módulos. Condensação de pensamento e de linguagem. Busca formal.

"Florescemos por um instante para a Vida nesta clareira devemos permanecer fiéis a Ela. É um lampejo que se quer a si mesma"

Isto anota o pensador Vicente Ferreira da Silva, lido e admirado por XP em suas formulações da filosofia da Mitologia - i.é., o conhecimento originário, a abertura do ser para o mundo - informa cada tema aqui poemado.

Pequeno livro manso das coisas. Nem descritivo nem estoriado. Contudo, aquele clima ficcional que, perto do chão, se transpõe em imagens onde tudo significa e encanta.

CLAREIRA - testemunho em arte de alguém que viveu a experiência do verde.

Nele se fala do campo, lugar de calma e espaço da alegria; e da cidade, onde já Hesíodo observava que "os falcões se abatem sobre os rouxinóis" mas onde também se prepara o amanhã.

Você vai compreender, leitor, que neste grande-pequeno mundo cresce o sabor da vida Sim, o existir entre as raízes e as estrelas.

Assim, não há que ver nestas páginas qualquer movimento de fuga, bucolismo tipo delícia-da-vida-campestre. Nem, por amor à poesia! aula otimista de moral ecológica.

CLAREIRA é um belo encontro do homem com os três reinos e com ele próprio. Então "despe o casaco e vem, sem viseira", leitor.

CARLOS COUTO